

Globethics Repository

The logo consists of the word "Globethics" in white, sans-serif font, centered within a solid blue rectangular background.

Nossas filhas acham que o feminismo não serve para nada [Our daughters think that feminism is of no use]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Badinter, Elisabeth
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-15 03:21:02
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163374

Não teríamos muito a aprender com as preguiças?

Gould, certamente, não ignorava nenhuma dessas singularidades evolutivas. Mas, ele fixou sua curiosidade num outro plano. “Quanto mais eu reflito sobre o tema, mais eu penso que nós deveríamos simplesmente procurar compreender como os bichos preguiça percebem o mundo”, escreveu.

Suponhamos, por exemplo, que um deles visse um ser humano se aproximar para arrancar uma folha da árvore na qual ele vive. Ele, tão lento, como experimentaria este gesto, “executado com a rapidez do tai-chi-chuan”? Para sabê-lo seria necessário poder passar “60 segundos no cérebro de um Bradypus...” Talvez, então, acrescentou ele, “entenderei esta súplica: os homens não poderiam fazer uma parada, refletir e, acima de tudo, moderar seu ritmo?”

Entrevistas da Semana

“NOSSAS FILHAS ACHAM QUE O FEMINISMO NÃO SERVE PARA NADA. MULHERES, QUE FRACASSO!”

Entrevista com Elisabeth Badinter

*Giampiero Martinotti, jornalista italiano, entrevistou Elisabeth Badinter, autora do livro **Fausse Route. Réflexion sur 30 années de féminisme** (Caminho errado. Reflexão sobre 30 anos de feminismo). Paris: Odile Jacob, 2003. O livro suscitou uma veemente polêmica na Europa e acaba de ser traduzido para o italiano. A entrevista foi publicada no jornal **La Repubblica**, 5-4-04. O livro é um verdadeiro libelo contra as idéias dominantes sobre violência, sexualidade, maternidade e poder. E a constatação final não tem recurso: “estamos em pleno retrocesso”. Agradecemos aos colegas do Cepat, de Curitiba, pela tradução da entrevista.*

O feminismo fracassou

La Repubblica - Quando li o seu livro, senhora Badinter, tive a vontade de dizer que hoje o feminismo não existe mais. Ou estou enganado?

Elisabeth Badinter - Não se pode dizer isso, pois existem muitas associações que dizem estar militando pela igualdade dos sexos. Porém, o caminho escolhido me parece prejudicial. Sou muito dura, mas é preciso ser lúcido. O fracasso é evidente, bastam três dados para perceber isso: a diferença salarial entre homens e mulheres não se modifica há dez anos, e voltou a piorar nos últimos dois anos; não se fala mais em divisão das tarefas domésticas, pelo menos na França; a caminhada para a igualdade dos sexos se interrompeu, e os critérios objetivos para avaliá-la estão paralisados.

Que fracasso!

La Repubblica - A senhora não é muito severa?

Elisabeth Badinter - Ainda não disse o pior: a geração de nossas filhas acha que o feminismo não serve para nada. Que fracasso! Mulheres de trinta anos nos agradecem por termos obtido o anticoncepcional e o aborto, e depois nos acusam de termos ficado muito fora de casa, de não termos cuidado dos filhos. O resultado é que as mulheres de 30-35 anos, embora tenham feito cursos universitários de alto nível, querem deixar de trabalhar um, dois ou três anos para cuidar dos filhos. Não veremos resultados na faixa de 10 a 15 anos.

Vitimismo feminista – “sou contra”

La Repubblica - Um de seus alvos preferidos é o vitimismo feminista. Uma das coisas que a senhora mais contesta é o discurso sobre os constrangimentos sexuais e os excessos das diretrizes européias sobre esse tema. Por quê?

Elisabeth Badinter - Contesto a confusão entre a violência física e psicológica, com a qual se pretende mostrar que as mulheres são vítimas dos homens. Reprovo as diretrizes européias por terem ampliado o conceito de constrangimentos sexuais: um gesto, um olhar incômodo torna-se constrangimento e, portanto violência, contabilizada como tal. A confusão nunca é inocente. Não é verdade que existem mais mulheres que morreram por causa das violências do que devido ao câncer. Isso subentende a vontade política de mostrar que os homens são algozes, e as mulheres, vítimas infelizes que não podem defender-se. Dentro desta ótica, não são mais alguns homens ou algumas mulheres que são violentos, todo o gênero masculino é posto sob acusação. Fico indignada quando ouço que 10 por cento das mulheres francesas são vítimas de violências conjugais: ouvir dizer do marido ou do companheiro coisas desagradáveis é uma coisa, receber um soco no rosto é outra bem diferente. Desenvolver o tema da mulher vítima foi um erro enorme, pois associa a imagem da mulher à da criança, que precisa de proteção. E assim torna-se inútil dizer às jovens que se defendam: vão ao juiz, como iam ao pai ou à mãe.

O conceito de instinto materno

La Repubblica - Outra coisa que não lhe agrada é a volta insistente de um discurso que leva as mulheres a amamentarem em nome da natureza.

Elisabeth Badinter - Há vinte anos escrevi um livro, *L'amour en plus*, uma história do amor materno com o qual quis colocar em discussão o conceito de instinto materno, que para mim não existe. Achava que havia desmistificado esse conceito, que esteve em voga no século XVIII. Depois vi renascer sub-repticiamente, sem que tenha havido um debate teórico, a idéia do instinto materno, uma volta da definição biológica da mulher. E, se existe um instinto materno, as mulheres devem cuidar dos filhos; se o leite é a melhor coisa para o recém-nascido, é preciso amamentar seis meses, um ano, um ano e meio. Assim, as mulheres são induzidas a deixarem de trabalhar durante três anos para cuidar dos filhos. Ao mesmo tempo, os homens são liberados de qualquer dever, pois a mãe é o que há de melhor para os filhos. Mas então não vale a pena lutar para dividir as tarefas entre os pais. É um retrocesso, uma visão da mulher baseada na dimensão biológica.

Cotas para mulheres

La Repubblica - Como ela pôde desenvolver-se?

Elisabeth Badinter - É uma ideologia que também vimos aparecer no debate sobre a paridade na política, com a busca de uma identidade feminina específica, diferente da dos homens. Permitiu-se que o universalismo fosse perdido e não me admira que volte o conceito de mulher-mãe.

La Repubblica - A senhora se refere ao debate sobre as cotas de mulheres na política, um princípio que o parlamento francês incluiu na Constituição. Em seu ponto de vista, esta opção, a que a senhora se opõe, pertence à mesma visão da mulher?

Elisabeth Badinter - Parecia-me necessário adotar uma medida pragmática, mas quiseram transformá-la num fundamento filosófico. Para justificar as cotas esqueceram a noção de cidadão. Disseram que as mulheres são diferentes dos homens, mais próximas das pessoas, mais modestas, menos ambiciosas, mais generosas, mais pacíficas, mais pragmáticas e que,

portanto os homens tinham todos os defeitos. Pareceu-me uma condenação da noção de “cidadania”: uma mulher pode ser representada por um homem que tem as mesmas idéias. As idéias não são determinadas pelo sexo, como se procurava fazer crer, mas por uma ideologia política: tenho mais pontos em comum com um homem que tem as mesmas idéias do que com uma mulher da Frente Nacional, partido de extrema direita da França. Sou contra a discriminação positiva, contra o “diferencialismo”. Não creio que as mulheres sejam mais afáveis, mais generosas e mais pacíficas que os homens. Acho que entre homens e mulheres existem mais semelhanças do que diferenças.

La Repubblica - As idéias que a senhora critica vêm dos Estados Unidos, são o modelo dominante em todas as áreas. Por que se escandalizar com isso?

Elisabeth Badinter - Não somos obrigados a ser passivos. Se a diferença sexual está na Constituição, não vejo como poderão ser rejeitadas as cotas segundo a origem religiosa, a etnia e assim por diante. Mas então há o abandono da República e a entrada numa sociedade baseada no princípio comunitário. Não tenho nenhuma vontade de que isso aconteça.

La Repubblica - Hoje predomina o politicamente correto, todos têm direito ao seu particularismo, o indivíduo tem a precedência sobre tudo, seja homem ou mulher.

Elisabeth Badinter - É um princípio que leva à catástrofe. É preciso ir o mais longe possível nos direitos individuais e nas liberdades individuais, mas existe um momento em que o político e o coletivo recuperam os seus direitos. Quando se pensa que o indivíduo deve prevalecer sobre tudo, há a anarquia ou o comunitarismo, que é levado ao extremo, é uma prisão para o indivíduo. Sei que a França é um caso especial, como demonstrou o caso do véu, mas ainda não vimos todos os efeitos do excesso de individualismo.

A polêmica do véu

La Repubblica - A senhora menciona o véu, um tema sobre o qual as feministas não se manifestaram muito. Era favorável a ele?

Elisabeth Badinter - Sim, embora saiba que se trata de um simples apelo. Mas era preciso dar um sinal forte às minorias integralistas. No início, não era favorável, fui convencida pelas militantes de uma associação de moças das periferias, que nos pediram para não colocá-lo quando estavam sozinhas. A posição francesa é considerada incompreensível, intolerante, mas uma sociedade democrática não pode aceitar que as mulheres sejam forçadas a usar um sinal de submissão. As feministas dos outros países despertarão um dia ou outro: podemos não nos importar com as mulheres que usam véu? Certamente, algumas o usam por provocação, como fazem as adolescentes, mas o problema são todas aquelas a quem não se pede, inclusive as meninas que vão ao ensino fundamental. São vestidas de preto, com o véu, e não têm nenhum instrumento de defesa.

La Repubblica - Para a senhora é, portanto, uma arma feminista?

Elisabeth Badinter - Todos sabem que o véu é a ponta do *iceberg*. Por trás existem os casamentos combinados e a submissão ao futuro marido. Podemos ficar indiferentes às mulheres vestidas à iraniana na Europa? As feministas dormem, mas despertarão. Cobrir uma mulher com véu, colocar alguma coisa em sua cabeça significa que é ela, com seus cabelos, que é responsável pelo desejo masculino. O homem não é responsável por seus desejos, mas a mulher. De certo modo, é uma porta aberta para a justificativa do estupro nas periferias. É preciso saber dizer não e não se esconder atrás do conceito fácil de tolerância.